

# **Elementos camponeses na agropecuária do município de Marmeleiro (PR)**

## **Luís Carlos Braga**

Doutor em Geografia pela Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT), Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP)  
Professor de Geografia da Rede Estadual do Paraná  
e-mail: l.karlos2009@gmail.com

## **Marcos Aurelio Saquet**

Professor da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Campus de Francisco Beltrão  
e-mail: saquetmarcos@hotmail.com

### **Resumo**

O objetivo principal deste estudo é identificar e compreender a permanência de elementos camponeses na agropecuária do município de Marmeleiro - localizado no Sudoeste do Paraná - após a implantação e contínua expansão da chamada *modernização* da agricultura. Para isso, identificaram-se os diferentes ritmos de tempo presentes na produção agropecuária, tanto os lentos como os mais rápidos, por meio dos conceitos de tempo e território e, das noções de territorialidade e temporalidade. Com isso, demonstrar-se-á os ritmos de tempo, destacando-se as permanências. Para tanto, analisou-se a produção de aves e fumo, através do sistema de integração; a produção de grãos (soja e milho); a produção de leite e a produção para o consumo familiar, demonstrando-se como essas atividades interferem no ritmo de tempo dos agricultores, coexistindo com elementos camponeses que ainda estão presentes e são importantes no município estudado.

**Palavras-chave:** Mecanização; elementos camponeses; temporalidades.

### **Peasants elements in agriculture of Marmeleiro city (PR)**

#### **Abstract**

The main aim of this study is to identify and understand the permanence of peasant elements in agriculture in the municipality of Quince - located in southwestern Paraná - after the deployment and continued expansion of so-called modernization of agriculture. For this, were identified the different rates of time present in agricultural production, both slow and fast by means of concepts of time and territory, and territorial and temporal notions. Thus, will be demonstrated the rhythms of time, highlighting the permanencies. Therefore, it was analyzed the production of poultry and tobacco, through system integration; grain production (soybean and corn); milk production and production for family consumption, demonstrating how these activities interfere in farmers' pace of time, coexisting with peasant elements that are still present and are important in the studied city.

**Keywords:** Mechanization; peasants elements; temporality.

### **Elementos campesinos en la agropecuaria del municipio de Marmeleiro (PR)**

#### **Resumen**

El objetivo de este estudio es identificar y entender la permanencia de elementos campesinos en la agricultura en el municipio de Marmeleiro - situado en el suroeste de

Paraná - después de la implementación y la contínua expansión de la llamada modernización de la agricultura. Para eso, se identificaron los diferentes ritmos de tempos presentes en la producción agrícola, tanto lento quanto rápido, por medio de los conceptos de tiempo y território y, de las nociones de territorialidad y de temporalidad. Con eso, el estudio va a demostrar los ritmos de tiempo, poniendo de relieve las permanencias. Para tanto, se analizó la producción de aves de corral y el tabaco, a través de la integración de sistemas; la producción de granos (soja y maíz), la producción de leche y la producción para el consumo familiar, lo que demuestra cómo estas actividades interfieren en el ritmo de tiempo de los agricultores, coexistiendo con elementos campesinos que aún están presentes y son importantes en la ciudad estudiada.

**Palabras clave:** Mecanización; elementos campesinos; temporalidad.

## Introdução

Neste artigo, socializa-se os resultados de pesquisas realizadas por meio de uma abordagem territorial histórico-crítica, dando centralidade às temporalidades, ou seja, relacionou-se a mecanização e a integração no mercado ao ritmo de tempo dos agricultores. Além da aceleração do ritmo de tempo, também se identificou os tempos mais lentos que permanecem em práticas com o saber-fazer, máquinas, implementos e técnicas consideradas rústicas, reproduzidas de geração em geração. Entende-se que esse tempo mais lento em que permanece é resultado da continuidade de uma temporalidade camponesa. Na realização da pesquisa foram entrevistados 203 agricultores em 12 “comunidades” rurais, de um total de 40 “comunidades” existentes no município de Marmeleiro; as quais possui uma média de 30 famílias por comunidade, as quais foram classificadas em 3 grupos: menos mecanizadas, média mecanização e comunidades mais mecanizadas. Para tanto, utilizou-se como parâmetro o número de tratores e colheitadeiras: menos mecanizadas (0 colheitadeira e até 3 tratores); média mecanização (1 a 3 colheitadeiras e 4 a 9 tratores); mais mecanizadas (acima de 4 colheitadeiras e acima de 10 tratores).<sup>1</sup>

Neste artigo, demonstra-se a análise dos tempos mais lentos que permanecem. Para isso, evidenciam-se os resultados dos agricultores com média mecanização e menos mecanizados, pois para estes a temporalidade camponesa é mais presente e importante

---

<sup>1</sup> Os agricultores menos mecanizados alugam máquinas dos estabelecimentos com média mecanização, pagando o aluguel pela hora-máquina, mas o aluguel destas máquinas é sazonal, e são utilizadas para produções que não são as que geram a principal renda do estabelecimento, como ocorre na colheita ou plantio da soja e do milho, produtos voltados para a comercialização. Estas produções nos menos mecanizados são realizadas apenas para não deixar uma parte da área de terra ociosa, pois a quantidade de área de terra que possui não proporciona uma renda significativa através dessas produções. Como será apresentado na sequência, as principais produções para esse grupo de agricultores são leite, fumo e consumo familiar, por isto, entende-se que estes são menos mecanizados porque as produções que geram a principal renda não são mecanizadas; nas produções “complementares”, quando se utilizam, são em algumas etapas da produção, aumentando o custo de produção.

para a sobrevivência dos mesmos. Os dois grupos representam 62,5% do total de entrevistados e quase 10% do total de estabelecimentos rurais do município de Marmeleiro. O tempo lento não é uma característica inerente a temporalidade camponesa, mas na pesquisa realizada ela está presente neste grupo de agricultores, pois eles historicamente sempre existiram em constante transformação e adaptação as transformações do meio em que vivem, devido a expansão do capital no espaço rural através do agronegócio, este último estabelecendo uma relação assimétrica, que não permite que estes sujeitos consigam se inserir na “modernização da agricultura” integralmente, não tendo acesso aos elementos que entende-se que aceleram o tempo no espaço rural. Os agricultores estudados se tivessem condições comprariam máquinas e equipamentos para diminuir a penosidade do trabalho e aumentar o ritmo do trabalho e conseqüentemente a produção, mas devido a sua condição subordinada na relação citada isso não é possível. Os dois grupos representam 62,5% do total de entrevistados e quase 10% do total de estabelecimentos rurais do município de Marmeleiro.

Para demonstrar a continuidade da temporalidade camponesa, apresentar-se-á como ainda são utilizadas práticas e equipamentos considerados rústicos na produção de aves, fumo, grãos e leite, configurando uma mecanização parcial, e também a importância da produção para o consumo, além da pluriatividade e outras relações tipicamente camponesas que ainda permanecem, como a gerência do estabelecimento pela família e a inexistência de uma relação de quantificação entre a quantidade de trabalho despendido no estabelecimento por cada indivíduo e o consumo (alimentação, vestuário, tratamento de saúde, estudos etc.).

Para demonstrar o que se entende por território, territorialidades e principalmente sobre as temporalidades, utiliza-se para fundamentar a discussão, Saquet (2006, 2007), Latour (1994), Santos M (1997) e Raffestin (1993 [1980]). Entende-se que, nas temporalidades, existem elementos do passado conjugados com aspectos contemporâneos, num processo de reinvenção e renovação cultural, com mudanças e algumas *variáveis* que permanecem, resultando numa diversidade de ritmos de tempo no município estudado. E para entender as discontinuidades e continuidades da agricultura camponesa frente a expansão do capital no campo, reconhece-se que os agentes do agronegócio estabelecem relações desiguais sem apagar as relações de produção existentes, dissolvendo parte da cultura camponesa, condicionando os agricultores a se adaptar para poder se reproduzir como tal, mantendo alguns elementos que não são considerados modernos. Para esta compreensão, utiliza-se aspectos das argumentações de autores como Oliveira (1991) e Tavares dos Santos (1978).

A opção por utilizar uma abordagem das temporalidades deve-se à percepção das modificações ocorridas nas relações de produção a partir da análise do cotidiano dos

agricultores, como os ritmos de tempo foram modificando-se, como eles variam dependendo do nível de integração no mercado e de mecanização, além dos elementos que permanecem através da identificação dos ritmos mais lentos. Nas entrevistas, evidencia-se a utilização frequente da palavra *tempo* para expressar as suas dificuldades para trabalhar e conseguir uma renda que possibilite a sobrevivência da família. A necessidade de, cada vez mais, estar “correndo” atrás das novidades técnicas, está muito presente. Devido a isso, a expressão mais utilizada pelos agricultores em relação à mecanização é a seguinte, “[...] o trabalho está mais fácil, mas o tempo mais corrido”.

O município de Marmeleiro possui, segundo dados do IBGE (2010), 13.900 habitantes. Desse total, 8.824 compõem a população urbana e 5.076 a rural, estes dividem-se em 1.404 estabelecimentos agropecuários. No espaço rural, 70% dos estabelecimentos possuem área de terra entre 0,1 e 20 hectares, assim, a produção agropecuária é baseada em pequenos estabelecimentos com força de trabalho familiar: 86,5% dos estabelecimentos são considerados familiares. Para a análise das temporalidades, as principais produções agropecuárias consideradas foram: de fumo, de aves (sistema de integração), de grãos (principalmente soja e milho), de leite e de alimentos para o consumo familiar. A escolha deste recorte para a pesquisa, justifica-se pelo processo histórico de adaptação e continuidade e descontinuidade das relações de produção camponesas, considerando que os agricultores foram inseridos parcialmente na “modernização da agricultura”. As produções escolhidas foram as que mais se evidenciaram na pesquisa de campo exploratória realizada. Outras aparecerem, como a produção de suínos no sistema de integração, ou criação do “bicho” da ceda, mas sem expressão na economia familiar.

### **A modernização desigual e a continuidade e reorganização dos elementos camponeses**

Mesmo não atingindo de forma direta todos os agricultores, os tempos homogeneizantes da *modernização da agricultura* exercem pressão sobre a maioria deles. A *modernização* da agricultura implantada pelo Estado foi seletiva em relação às regiões, aos produtos e ao estrato de agricultores, mas, mesmo assim, as regiões e os agricultores que não foram envolvidos sistematicamente com a mecanização da agricultura, sofreram influência desse processo, como apontam Gonçalves Neto (1997), Silva e Kageyama (1988), Muller (1989).

No município de Marmeleiro, a *modernização da agricultura* é parcial, os agricultores não possuem todos os equipamentos e máquinas necessárias para as produções e nem todos têm acesso satisfatório aos financiamentos. E aos que têm,

geralmente são disponibilizados créditos incompatíveis com a realidade dos agricultores. Os elementos que permanecem em relação à cultura e ao saber-fazer são decorrentes das necessidades e do esforço dos agricultores.

Em relação aos financiamentos, o apoio à agricultura familiar pelo Estado ainda tem como foco principal a inserção dos agricultores na produção de *commodity*. As políticas com enfoque territorial – que teriam como objetivo atender outras demandas que vão além da produção agropecuária – não cumprem seu papel, e mesmo as políticas para as produções agropecuárias convencionais não são disponibilizadas para todos, conforme se constata nas entrevistas com representantes das instituições responsáveis pela mediação dos créditos e com os agricultores.

Entende-se que os agricultores, ora estudados, resultam de um processo histórico no qual não ocorrem rupturas completas com o seu modo de organização camponesa. Alguns elementos continuam, como a produção para o consumo no estabelecimento, o trabalho familiar, a sua relação com a terra (terra de trabalho), a propriedade dos meios de produção, entre outros que serão detalhados no decorrer do artigo. Dependendo do estabelecimento agropecuário, alguns destes elementos passam por modificações, ou a sua importância varia. E devido à diversidade de relações, não se pode encaixá-los em modelos fechados, porém, alguns elementos são comuns e permanecem na vida dos agricultores como o trabalho familiar, a produção para o consumo, a dependência em relação ao tempo, a relação diferenciada com a natureza etc.

Na obra *Colonos do vinho*, José Vicente Tavares dos Santos elenca estratégias de reprodução camponesa importantes, algumas das quais também foram identificados nesta pesquisa. Dependendo do nível de *modernização*, esses elementos aparecem de modo mais ou menos intenso. Segundo Tavares dos Santos (1978), no *interior da família acontece uma divisão técnica do trabalho*. Cada membro exerce um trabalho útil e concreto, dependendo do momento e da necessidade, resultando numa jornada de ações combinadas. As mulheres intensificam os trabalhos para além das funções de reprodução (produção para o sustento familiar, preparação dos alimentos, cuidado com os filhos, tarefas vinculadas à criação de pequenos animais etc). Nos estabelecimentos com menor composição orgânica do capital se aplica melhor essa afirmação, por exemplo, nas tarefas de arrancar feijão e quebrar milho manualmente. Os idosos também são inseridos em atividades que exigem menos força braçal, como enfardamento da produção de fumo dentro dos galpões. Nesta pesquisa visualiza-se que esta situação varia dependendo do nível de mecanização e de produção. Na produção do fumo, crianças e idosos trabalham porque ela é composta de etapas de trabalho consideradas leves. Em estabelecimentos onde as principais atividades são a produção do fumo e do leite, as mulheres realizam os mesmos trabalhos que os homens.

O *trabalho acessório* realiza-se nos períodos em que diminuem os trabalhos no estabelecimento rural com vistas a complementar a renda e, geralmente são homens que o fazem. É efetivado em virtude da baixa renda e para que a mão de obra não fique ociosa. Nesta pesquisa verificou-se que as pessoas que o realizam trabalham fora do estabelecimento, do total de estabelecimentos estudados, há pluriatividade em 32%. Em relação ao grupo dos com média mecanização e com baixa mecanização há pluriatividade em 29,9% dos estabelecimentos. Ou seja, possuem um trabalho fixo devido à baixa renda rural, à mecanização e à busca, principalmente pelos jovens, de uma autonomia e interatividade maior, como será apresentado adiante.

A *propriedade privada da terra* aparece como fator importante para a autonomia do agricultor; é uma possibilidade para ele controlar o processo do trabalho e também uma herança para seus filhos, para que eles prossigam na atividade. No Sudoeste paranaense, mesorregião onde se localiza o município de Marmeleiro, os caboclos não possuíam uma relação de propriedade com a terra, utilizavam o sistema de rotação para o plantio; quando os migrantes gaúchos e catarinenses chegaram, eles venderam a terra por baixo valor, e os migrantes instituíram a propriedade privada familiar da terra (SAQUET, 2006).

Outra característica dos camponeses que se identificou neste estudo, e já apontada por Tavares dos Santos (1978), consiste no *trabalhado ser um meio para reproduzir a vida familiar*. Para o camponês, o trabalho é algo ligado à ética, trabalhar é bom costume, é algo exemplar. Ao mesmo tempo, a sua ligação com a terra e os meios de produção fazem com que ele trabalhe por prazer, ele tem gosto em realizá-lo. Todavia, de modo geral, ele gosta de trabalhar, gosto construído historicamente pela necessidade de sobrevivência e pela não reflexão aprofundada da sua subordinação. Cada um trabalha em um ritmo, dependendo dos meios técnicos de que dispõe, dos seus objetivos e das condições financeiras que tem.

Outro aspecto é o *trabalho de ajuda mútua*. Entre os agricultores estudados, ele existe, e a sua importância e sua lógica variam dependendo do nível de mecanização. Para alguns agricultores, a ajuda mútua é fundamental para a produção; para outros, é utilizada para aumentar o ritmo do trabalho.

Na *produção para o consumo*, a análise é parecida com a do trabalho de ajuda mútua; ela diminui, a quantidade produzida em cada estabelecimento, mais ainda existe; dependendo do nível de mecanização e integração ao mercado, a sua importância varia; conforme será apresentado no decorrer do artigo para uns ela é fundamental para a sobrevivência da família; para outros, ela ajuda a suprir as necessidades da baixa renda; para outros mais ela existe porque é um costume cultivar alguns produtos para o consumo familiar.

Outra característica da lógica camponesa que permanece e que foi identificada durante a pesquisa é o que Garcia aponta: “[...] não há relação entre o desempenho do indivíduo e o grau de consumo” (GARCIA, 1983, p. 104). Isso pode ser constatado no acampamento São Francisco, quando um agricultor relata que um filho não conseguiu terminar o ensino médio, acabou desistindo e passou a ajudar o pai no trabalho todos os dias, enquanto o outro filho mais novo continuava estudando e ajudando menos no trabalho, mesmo assim ele utiliza mais renda da família que o filho que trabalha:

[...] o mais velho trabalha “parelho” comigo na roça, e o mais novo estuda, aí só ajuda às vezes, mas, se for coloca na ponta da caneta, o mais novo gasto mais no último ano, porque ele vai na escola, tem que compra uma roupa melhor, tem material, sempre tem uns gastos a mais [...] o outro entende, e sabe que, amanhã ou depois, pode chegar a hora de ele precisar (AGRICULTOR, ENTREVISTA, 2014).

A importância e a intensidade dos elementos camponeses presentes em Marmeleiro variam de um estabelecimento para outro. Por isso, não é possível generalizar a agricultura, atribuindo denominações sem considerar suas diferenças. A agricultura familiar ou camponesa é uma construção histórica, alguns elementos permanecem e outros, considerados novos, são incorporados.

Para entender a noção de que elementos do presente estão no passado e outros do passado estão no presente, que o tempo não é linear, pode-se utilizar a analogia de Latour (1994), quando este sugere que se imagine os elementos contemporâneos ao longo de uma espiral, ter-se-á um futuro e um passado, mas um passado que não está ultrapassado, ele está rearranjado, retomado, combinado no presente e no futuro. Quando se observa os anéis da espiral, percebe-se que eles aproximam alguns acontecimentos que se acredita estarem distantes e sem ligação. E, alguns elementos que parecem ser contemporâneos, estão mais distantes ou não são tão novos assim. Ainda segundo Latour (1994), não há recuo e nem avanços, o que há é uma seleção de elementos pertencentes a diferentes tempos.

Assim, o movimento de vai e vem do tempo está presente em todas as relações. Os agricultores possuem máquinas para a produção como o trator, que é considerado moderno, contudo, este possui a roda que foi criada há milhares de anos, o motor a *diesel* que foi inventado no século XIX. Utiliza um arado que era tracionado por animais, que passou por várias reinvenções, desde o seu avanço para um arado que não aderiria o solo e era conduzido por animais, até ser utilizado pelo trator. O trator é guiado nas atividades por um agricultor que – apesar das modificações dos sistemas de produção – tem o saber-fazer, a *síntese do tempo*, de gerações no trabalho com as produções agrícolas.

Um trabalhador menos mecanizado, na produção do leite, utiliza alguns tratamentos com as vacas que vêm de gerações, como dar nome a elas, aplicam um tratamento mais carinhoso ao animal. As razões do tratamento diferenciado não se restringem apenas ao apego sensorial dos agricultores, mas ao estado de tranquilidade em que o animal permanece ao ser tratado ‘carinhosamente’. Possuindo mais “confiança” no agricultor, o animal torna a ordenha mais fácil. As práticas e os saberes mais simples utilizados na agricultura são uma conjugação de diversos tempos. E se relacionam com a chamada agricultura moderna, que possui a intencionalidade de produzir mercadorias sob a lógica do capital. É a partir deste contexto sumariamente descrito que se apresenta a permanência das temporalidades e dos elementos camponeses em Marmeleiro.

### **As características camponesas que continuam na produção agropecuária do município de Marmeleiro**

Para demonstrar a reprodução dos elementos camponeses, como já mencionamos, apresentam-se as comunidades rurais estudadas, do grupo 2 (agricultores com média mecanização) e grupo 3 (agricultores menos mecanizados). Para compreender os diferentes níveis de mecanização e a conjugação desses elementos que permanecem e são conjugados com os considerados modernos, optou-se por analisar, de modo mais aprofundado, algumas comunidades rurais do município, porque as técnicas diferenciam-se desde as escalas maiores até as menores, diferenciando-se de um estabelecimento para outro, onde as produções ainda não são padronizadas.

A análise a partir das comunidades justifica-se porque existem muitas variáveis semelhantes nas condições de produção do município, como máquinas, implementos, tamanho de área de terra, quantidade produzida para a comercialização e para o consumo. Não há homogeneidade, mas no “interior” das comunidades existem certas semelhanças: em algumas concentram-se os aviários, os tratores, as colheitadeiras, as maiores áreas plantadas, enquanto em outras há poucos tratores, a produção para o consumo é fundamental, há concentração da produção de fumo, que exige mais gente para trabalhar, ainda se utiliza mais equipamentos como arados de tração animal, carroças e trilhadeiras. Contudo, todos são, diferenciadamente, camponeses. Há elementos nas territorialidades cotidianas que são distintos em função da diferenciação dos próprios agricultores, das condições econômicas e pela própria organização interna de cada família.

Existe certa invisibilidade do desenvolvimento das técnicas dos agricultores: o “[...] peso institucional e cultural dos modelos dominantes, ditos modernos, em termos de mercado, saber e poder, é apenas uma razão a mais que explica esta invisibilidade” (SABOURIN, 2009, p. 205). As técnicas mais simples dos agricultores e o saber-fazer,

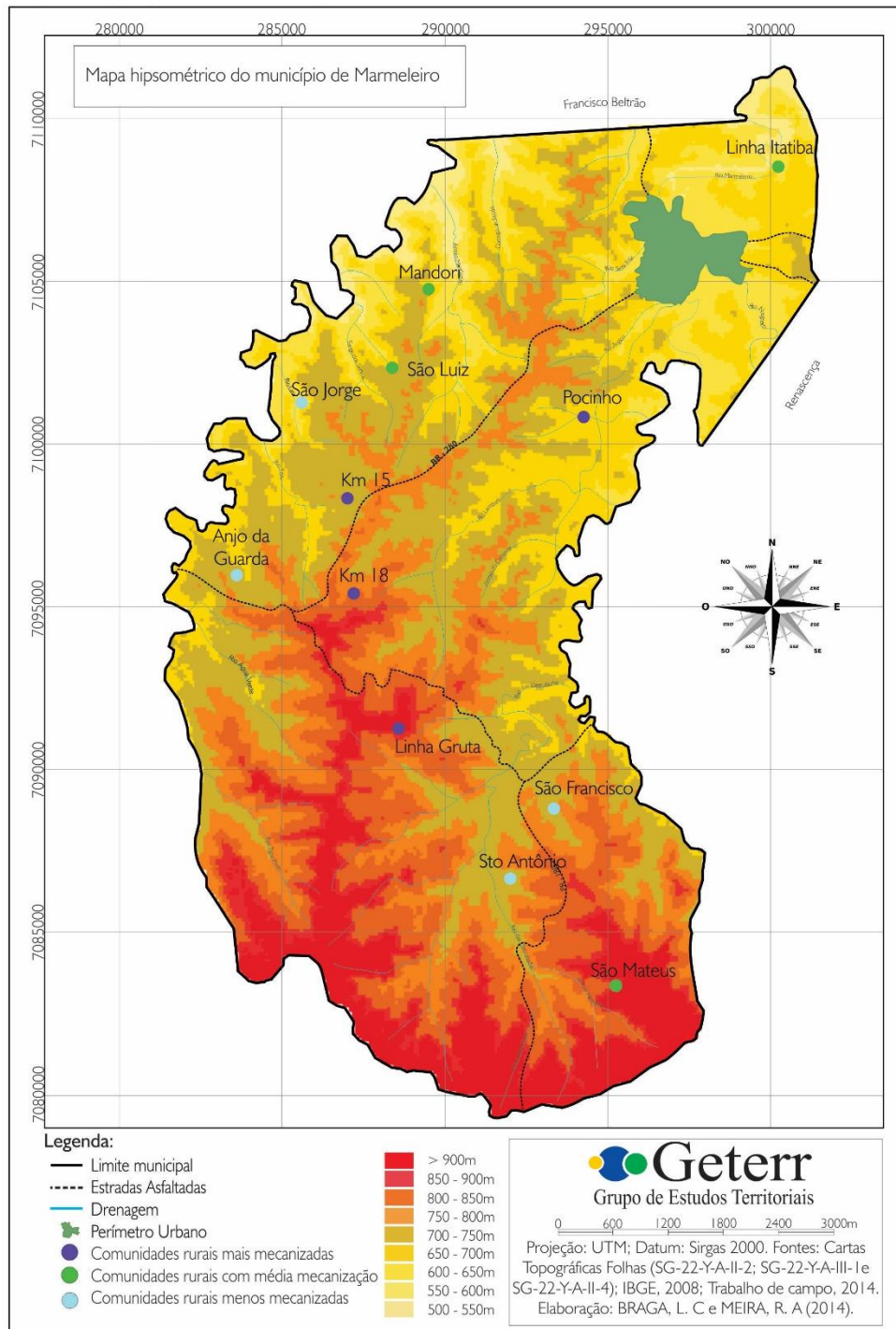


normalmente, não são considerados em estudos de geografia. Contudo, são práticas importantes, pois mesmo assim os agricultores conseguem sobreviver utilizando recursos naturais escassos, ligando-se a um mercado instável.

Foram observadas, em campo, diferentes práticas nas mesmas produções agropecuárias. Tais práticas variam dependendo da quantidade de membros da família, da força física dos membros e dos equipamentos que possuem, do tamanho do estabelecimento, do relevo etc.

O mapa 1 mostra a localização das comunidades pesquisadas no município de Marmeleiro. No grupo com média mecanização (grupo 2, representadas no mapa pela cor verde), estão as comunidades da Linha Itaíba, Linha Manduri, São Mateus e São Luiz. No grupo dos menos mecanizadas (grupo 3, representadas no mapa pela cor azul) estão as comunidades São Jorge, São Francisco, Santo Antônio e Anjo da Guarda.

**Mapa 1 – Mapa hipsométrico do município de Marmeleiro**



Percebe-se a presença maior de equipamentos que levam a um tempo mais lento nos agricultores menos mecanizados; já nos com média mecanização, ocorre uma conjugação entre elementos considerados modernos e rudimentares.

Nas comunidades do grupo com média mecanização, as principais produções são a soja, o milho, o leite e o fumo. A média de área dos estabelecimentos é de 21,1 hectares por estabelecimento rural, o menor tem 0,5 e o maior 121 hectares. São os estabelecimentos

que apresentam a maior heterogeneidade de temporalidades, têm 2 ou 3 produções voltadas para o mercado, contudo ainda é necessária a produção para a subsistência e o trabalho familiar. Há um misto maior de máquinas e equipamentos, contratam empregados esporadicamente, terceirizam alguns trabalhos, principalmente o plantio e a colheita da soja e do milho. As produções comercializadas possuem algumas etapas mecanizadas, outras não; as principais são: leite, soja, milho e fumo. Ao mesmo tempo em que possuem ordenhas e tanques de expansão para produzir o leite, transportam o alimento dos animais com as carroças. Utilizam insumos químicos considerados avançados tecnologicamente, na produção do fumo, mas fazem o controle das ervas daninhas de forma manual. Também nas áreas mais íngremes, onde não é possível utilizar as máquinas, o plantio e a colheita são realizados de forma manual, apenas o controle das ervas daninhas é com herbicidas, aplicados com o pulverizador costal.

Nas comunidades consideradas menos mecanizadas, destaca-se a produção de leite. A produção de grãos é realizada através do arrendamento ou contratam-se os trabalhos mecanizados. Fazem parte das comunidades do município menos mecanizadas devido à declividade do relevo, às condições econômicas e à dificuldade de acesso às políticas públicas. A área média dos estabelecimentos rurais é de 12,7 hectares; o maior estabelecimento possui 17 hectares, o menor 7 hectares.

Na Tabela 01, apresentam-se os dados da mecanização dos dois grupos, na qual se percebe a importância das máquinas e dos equipamentos considerados rústicos, como enxada, carroça, foice, trilhadeira, ao mesmo tempo, a quantidade de tratores, colheitadeiras, não é grande. A mecanização parcial resulta também do acesso desigual às linhas de crédito, conforme se pode perceber na Tabela 02. Apenas 11,2% dos agricultores do grupo 3 financiam o custo da produção, enquanto no grupo 2, 69,6% dos agricultores financiam. Os menos mecanizados financiam menos, pelos motivos apresentados anteriormente, falta de documentação e informações, medo de contrair dívidas, falta de garantia, “preconceito” em relação às agências de financiamento. Esses agricultores encontram-se em um grau mais acentuado de vulnerabilidade. Qualquer decisão econômica importante precisa ser muito bem ponderada para não comprometer a reprodução da própria família.

No município de Marmeleiro, na agropecuária, as principais produções, considerando o número de estabelecimentos e a quantidade produzida são as de fumo, milho, soja, leite, aves e a produção para o consumo familiar. Nas análises, segundo dados do Censo Agropecuário (2006) referentes ao Sudoeste paranaense e ao município de Marmeleiro, destacam-se essas produções, com destaque para a agricultura familiar.

Em relação a produção de aves nos dois grupos estudados, esta é encontrada em apenas um estabelecimento, onde a família produz aves para corte através do sistema de

integração e consegue uma média por lote de líquida de R\$ 11.000,00, considerando que são alojados uma média de 9 lotes por ano. Isso porque é uma produção que exige um investimento considerável, segundo o proprietário do aviário, atualmente é necessário R\$ 400.000,00 para a construção de um aviário de 150 metros. É nesta produção que há mais controle do tempo dos agricultores, já que os mesmos precisam fazer relatórios diários, também o estabelecimento fica à disposição para a visita de representantes da empresa a qualquer momento, a orientação pelo dia e a noite é modificada porque o agricultor precisa ir ao aviário no período noturno para ajustar o sistema de alimentação e a temperatura; além disto, não é permitido a criação de outras espécies de aves no estabelecimento. O contrato com a empresa é unilateral, a mesma não oferece garantias de renda, e o produtor é obrigado a utilizar os produtos e a comercializar a produção somente com a empresa integradora.

**Tabela 1 – Número de financiamentos por grupos de mecanização - safra 2013/14**

GRUPOS	Investimento infraestrutura	%	Custeio da produção	%
GRUPO 02	16	28,5	39	69,6%
GRUPO 03	03	4,2	08	11,2%

Fonte: Trabalho de campo, 2015. Organização: O AUTOR (2016).

Outra produção realizada através do sistema de integração, sendo bastante presente entre os agricultores estudados de Marmeleiro, é a de fumo. Ela possui algumas particularidades: é composta por formas de produção consideradas atrasadas (utiliza-se arado de boi e o controle das ervas daninhas é realizado de forma manual); é necessário muito trabalho braçal, sendo que, em períodos de pico produtivo, como no plantio e na colheita, envolve a mão de obra feminina e, ao mesmo tempo, utiliza-se um pacote de insumos químicos.

**Tabela 2 – Distribuição de máquinas e implementos nas comunidades estudadas no município de Marmeleiro (PR)**

Comunidade	Enxadas	Foices p/ estab.	Capinadeiras tração animal	Carroças	Jericos	Trilhadeiras	Colheitadeiras	Tratores	Arados tração animal	Contrata trabalho mecanizado
Linha Itaíba	15	15	05	02	08	03	02	09	04	14
Linha Manduri	11	10		03		02	02	09		14
São Mateus	06	06	01	03		03	01	04	03	11
São Luiz	08	08		06	02	01	01	04	05	12
<b>Total média mec.</b>	<b>40</b>	<b>39</b>	<b>06</b>	<b>11</b>	<b>10</b>	<b>09</b>	<b>06</b>	<b>26</b>	<b>12</b>	<b>51</b>
São Jorge	05	05	05	03		02		03		08
São Francisco	13	13	04	08		04		03	06	10
Santo Antônio	28	26	04	11	02	05		03	11	22
Anjo da Guarda	15	15	03	10	01	04			08	09
<b>Total menos mec.</b>	<b>61</b>	<b>59</b>	<b>16</b>	<b>32</b>	<b>03</b>	<b>15</b>	<b>00</b>	<b>09</b>	<b>15</b>	<b>49</b>
Total geral	101	98	22	43	13	24	06	35	27	100

Fonte: Trabalho de campo, 2015. Organização: O AUTOR (2015).

Obs.: Os dados das enxadas e foices correspondem ao número de estabelecimento.

Na produção do fumo, o nível de *modernização* entre os agricultores é semelhante, pois a estrutura de produção (galpão e estufas) é padronizada, o pacote de insumos químicos também é padrão e estes são disponibilizados a todos pela empresa. Os agricultores utilizam tração animal para o transporte e o controle das ervas daninhas é realizado manualmente com enxadas.

Entre as cláusulas contratuais, a classificação das folhas pode ser considerada o principal elemento utilizado pela empresa para desvalorizar o produto. É pela classificação das folhas que se estabelece o valor do quilo do fumo. São analisados aspectos como cor, tamanho e umidade das folhas. Dependendo dessas características, o fumo é classificado em determinada classe, e cada classe possui um valor por quilo. Dependendo da demanda do mercado, os critérios mudam a cada safra.

Na safra 2013/2014, segundo produtor entrevistado, a empresa, depois da produção já colhida, comunicou que a classe do fumo com melhor valor seria o fumo com a cor marrom, pois o fumo desta cor, foi solicitado pelos compradores da Europa. A empresa realiza anualmente reajustes no valor do quilo que corresponde a cada classe determinada, porém, ela aumenta o valor do quilo, mas deprecia a qualidade das folhas no momento da classificação, diminuindo, normalmente, a quantidade do fumo na classe B1, que é a mais valorizada. Assim, a qualidade do fumo vem baixando a cada safra, quando o normal seria o aumento devido à experiência que os produtores vão adquirindo na produção e às novas técnicas empregadas. A classificação é realizada na empresa depois que a produção já foi entregue, assim, se o agricultor não concordar com o valor pago ele não tem como recorrer, pois o fumo já foi entregue e o preço da produção já foi estabelecido. A produção não é entregue toda de uma vez, conforme o produtor vai enfardando a produção nos galpões a empresa vai recolhendo.

A produção de fumo gera uma renda significativa para os agricultores, segundo dados de um entrevistado do grupo com média mecanização, na safra 2013-2014, considerada como uma safra “boa”, ele teve uma renda líquida de aproximadamente R\$ 20.300,00 por hectare, sendo o custo da produção de R\$ 1.890,00 reais por hectare. A família é composta por 4 membros e ele conseguiu produzir numa área de 1,5 hectares contratando mão-de-obra temporária para a colheita da produção. Essa renda é gerada porque a produção necessita do que o agricultor mais pode oferecer, a sua força de trabalho, e ele estende a todo o custo a sua jornada diária de trabalho. A renda líquida gerada pelos 1,5 hectares parece boa (R\$ 30.450,00), porém, dividindo-a pelo número de trabalhadores (4), nota-se que cada um deles ganhou cerca de R\$ 7.612,05 na safra que durou 10 meses, o que gerou uma renda mensal, por trabalhador, de R\$ 761,25. Isso demonstra que o fumo é uma atividade que demanda muita força de trabalho, pois praticamente 97,9% da produção do Sudoeste do Paraná é realizada por agricultores

familiares e, no município de Marmeleiro, 100% da produção é feita em estabelecimentos da agricultura familiar.

Na Tabela 03 expõem-se os dados dos entrevistados em relação à produção do fumo, que ocupa pouca área de terra em estabelecimentos de agricultores com média mecanização. Entre os 12 entrevistados que produzem fumo, a média é de 1,8 hectares por produtor.

**Tabela 3 – Quantidade e renda na produção de fumo**

Área (ha)	Quilos	Renda bruta (R\$)	Renda líquida (R\$)
2,5	5.000	38.000,00	29.528,00
1	3.500	24.150,00	17.200,00
1,2	5.000	35.900,00	27.000,00
1,5	6.000	41.800,00	30.450,00
1	4.150	20.500,00	16.830,00
1,2	4.200	28.900,00	23.500,00
1	4.500	32.400,00	24.300,00
4	6.450	44.500,00	34.500,00
2,5	6.050	29.500,00	24.500,00
2	4.000	38.500,00	26.000,00
2,4	4.150	28.450,00	22.200,00
2	3.100	21.300,00	16.000,00
<b>22,3</b>	<b>56.100</b>	<b>383.9000</b>	<b>293.088,00</b>

Fonte: Trabalho de campo, safra 2014/15. Organização: O AUTOR (2015).

Em comparação com a produção da soja, o custo da produção do fumo, em relação a renda bruta, é de 14,4%, enquanto na produção da soja, é de 57,1%; a renda líquida do fumo por hectare, é 920,4% maior que a da soja. A produção do fumo também exige todo um saber-fazer. Algumas etapas como o enfardamento da produção é quase que um trabalho artesanal. Então, o trabalho com o fumo é realizado pela família e elementos camponeses estão presentes; quando se necessita a contratação de empregados temporários ou a troca de dias, buscam-se pessoas que trabalham ou já trabalharam com a produção do fumo, normalmente, nas vizinhanças.

Outra produção que sempre esteve presente entre os camponeses de Marmeleiro é a de leite, este era produzido para o consumo familiar até os anos 1980, e passa a ser gradualmente produzido também para comercialização, entregue nas casas no espaço urbano engarrafado manualmente ou beneficiado, transformado em queijos, nata, manteiga para comercialização ou ainda para troca entre os agricultores. No final dos anos 1990 e início de 2000, essa produção começa a ser mais mecanizada, as exigências das empresas

em relação às condições de produção aumentam, com isso a produção começa a ser produzida numa escala maior, porém, novamente nem todos conseguem mecanizar totalmente a produção: no município de Marmeleiro ela é realizada com diferentes níveis de mecanização.

Entre os 127 agricultores entrevistados do grupo 2 e 3, todos os que produzem leite, ou seja, 119 possuem pelo menos um destes equipamentos: tanque de resfriamento, ordenha e/ou utilizam a silagem, um nível considerável de *modernização* se comparado com as outras produções. Porém, ela apresenta desigualdades, pois, segundo dados do Censo Agropecuário de 2006, 35% dos produtores armazenam a produção em tanques de resfriamento/expansão que é o melhor método para o armazenamento do leite, os demais ainda utilizam tanques com o sistema de tarros ou *freezers* convencionais. A produção de leite, atualmente, é importante fonte de renda para os agricultores familiares com elementos camponeses, percebe-se que a produção de leite teve um aumento significativo, no município de Marmeleiro, entre o período de 1975 e 2012, já que o aumento foi maior que 1.000%. O aumento mais significativo foi entre 1995 e 2012, período em que a produção triplicou em pouco mais de 10 anos. Outra análise importante é que o número de vacas ordenhadas não aumentou na mesma proporção que o leite produzido, ocorrendo diminuição no número de vacas ordenhadas em alguns períodos. O período em que é mais evidente esse processo é entre os anos de 2005 e 2012, quando houve uma queda de 14% no número de vacas ordenhadas, porém, a quantidade de litros produzidos aumentou 66% (IBGE – Pesquisa pecuária municipal).

A produção de leite cresceu significativamente na região Sudoeste do Paraná, em particular, em Marmeleiro, tornando-se importante fonte de renda para os agricultores familiares. Segundo dados da prefeitura municipal de Marmeleiro, do ano de 2013, 30% do Produto Interno Bruto (PIB) agropecuário do município de Marmeleiro provém da produção leiteira.

Na Tabela 4 apresenta-se a comparação entre os dois níveis de mecanização na produção do leite. Em relação à área de terra utilizada para a pastagem, os com média mecanização utilizam mais rações e silagem para alimentação dos animais, então, utilizam menos área de pastagem, porém, a quantidade produzida é maior, juntamente com o custo da produção.

Na produção de leite no grupo dos agricultores com média mecanização e, principalmente, os menos mecanizados, é realizada uma produção mais extensiva. Isso pode ser comprovado através da média de litros produzida por hectares. No grupo de média mecanização, 1.688 litros por hectare; e, no grupo dos menos mecanizados, 689; a quantidade de litros produzida no grupo 3 é 145% menor que a quantidade produzida por hectare no grupo 2. A média por estabelecimento nos agricultores com média mecanização



é de 4.142,9 litros mensal; nos menos mecanizados 1.597,5 litros mensal. Já os gastos com a produção são os seguintes; no grupo com média mecanização, 38,4%, e, no grupo menos mecanizado, 34,8% do valor bruto da produção.

**Tabela 4 – Quantidade produzida, renda e valor financiado por grupo entrevistado na produção de leite**

Grupo	Total área de pastagem (ha)	Quant. produzida mensalmente (litros)	Prod. litros (ha)	Renda bruta R\$	Renda líquida R\$	Renda líquida média	Valor financiado R\$
2	137,4	232.005	1.688	197.159,00	121.540,00	2.170,00	107.000,00
3	166,8	113.427	689	91.886,00	59.930,00	844,08	22.000,00
Total	304,2	288.718	2.368	289.045	181.470,00	3.014,08	129.000,00

Fonte: Trabalho de campo (2015). Organização: O AUTOR (2015).

Nesses grupos as raças selecionadas e a utilização de rações e de grande quantidade de silagem diminuem. Nos menos mecanizados, as condições são inferiores, a maioria dos animais não é selecionada, ainda utilizam tanques no sistema de tarros e a produção de silagem é inferior. Nos menos mecanizados, 47,4% transformam o milho em silagem; os demais alimentam os animais com o milho *in natura*. A silagem é a forma mais correta de alimentar os animais quando se utiliza o milho; os que não fazem silagem alimentam os animais através do caule e das espigas inteiras de milho, o que não é totalmente aproveitado, porque o caule do milho não é triturado e o animal não consegue ingeri-lo integralmente.

O cultivo dos grãos como soja e milho é feito com outras atividades. As produções nos estabelecimentos com pouca área de terra são realizadas para que uma parte das terras não fique ociosa: um produtor produz fumo e leite, mas ele não consegue utilizar toda a área, mesmo ela sendo pequena e, para o leite ele não possui um plantel de animais ou infraestrutura suficiente para uma grande produção, então, produz uma das *commodities*, mesmo que a renda seja pouco significativa.

Na produção da soja houve certa inviabilidade na safra 2014/15. Para a produção, nos estabelecimentos com média e baixa mecanização (Tabela 5), o custo da produção em relação à renda bruta foi de 61,5% nos estabelecimentos menos mecanizados; 57,1% nos estabelecimentos com média mecanização. O principal motivo dessa diferença é falta de máquinas e implementos para a produção e o baixo potencial de financiamentos para o custeio da produção dos menos mecanizados e com média mecanização. Entre o grupo com média mecanização, em relação ao financiamento dos custos da produção, 41% dos custos são financiados e nos agricultores com baixa mecanização, apenas 18,6%. Mesmo quando o custo da produção é financiado, o valor do crédito não cobre todas as despesas da produção, conforme verificamos em campo por meio das entrevistas.

**Tabela 5 – Quantidade renda e valor financiado da produção de soja por grupo entrevistado, na safra 2013/14**

Grupo	Total Produção (ton)	Total área plantada (ha)	Produção Média por ha (ton)	Renda bruta R\$	Renda líquida total R\$	Custo da produção (%)	Fin. custeio da produção (R\$)	% Fin. custo da produção
2	1.559,80	486,6	3,3	1.460.173,00	626.800,00	57,1	342.700,00	41
3	750,10	241,1	3,1	320.040,00	137.700,00	61,5	34.000,00	18,6
Total	2.309,90	727,7	3,2	1.780.213,00	764.500,00	59,3	376.700,00	59,6

Fonte: Trabalho de campo, (2015). Organização: O AUTOR (2015).

A diversidade de fatores influencia na produtividade e na renda. A produtividade média por hectare é a seguinte: os de média mecanização, 3,3 toneladas por hectare; menos mecanizados, 3,1 toneladas por hectare. A renda média líquida por hectare nos agricultores do grupo 1, R\$ 1.288,00; no grupo 2, R\$ 571,00, 125,5% menor em relação ao grupo 1. Quando se contrata o trabalho para a colheita, a porcentagem cobrada sobre a produção bruta é maior nos estabelecimentos do grupo dos menos mecanizados. Como esse grupo não possui nenhuma máquina na comunidade, é preciso contratar máquinas de localidades mais distantes, encarecendo o custo da colheita. No grupo dos agricultores com média mecanização, o custo cobrado pela colheita é de 11,6% da produção bruta. Já nos menos mecanizados esse valor é de 13,8%.

Segundo os depoimentos dos agricultores do último grupo, isso acontece devido à distância que o contratado precisa percorrer para colher, além disso, são áreas pequenas. Geralmente, o proprietário da colheitadeira aceita o trabalho se for para colher em dois ou três estabelecimentos, para compensar o custo do deslocamento. Com isso, muitas vezes, a plantação passa do período ideal de ser colhido. Outro empecilho é que, neste grupo menos mecanizado, a quantidade de tratores também é menor, dificultando o preparo mais adequado do solo, acarretando perdas no momento da colheita.

Já a maior parte da produção do milho é para o consumo dos animais (interno ao estabelecimento). No grupo 2, 90,5% do total de toneladas colhidas é para o consumo, a maior parte em forma de silagem e, no grupo 3, 58,9%, isso porque o milho é comercializado nesse grupo como uma forma de conseguir alguma renda, e até mesmo a produção destinada à comercialização é colhida manualmente (Tabela 6). Essa é outra característica camponesa: tentar agregar valor e diminuir os custos da criação dos animais consumindo, neste caso o milho, no estabelecimento e comercializando o excedente.

**Tabela 6 – Valor da produção de milho, quantidade produzida, destino da produção e valor financiado por grupo entrevistado, safra 2013/14**

Variáveis	Grupo 2	Grupo 3	Total
Total área plantada (ha)	214	161,7	375,7
Área plantada destinada ao consumo interno (ha)	197,3	128	325,3
Área plantada destinada à comercialização (ha)	16,7	33,7	50,4
Total de toneladas colhidas	2.507,4	1.265,9	3.764,3
Toneladas destinadas ao consumo interno	2.288,1	746,7	3.034,8
Toneladas destinadas à comercialização	219,3	519,2	738,5
Renda bruta total referente à quantidade comercializada (R\$)	90.457,00	243.933,00	334.390,00
Renda líquida total referente à quantidade comercializada (R\$)	37.900,00	96.000,00	133.900,00
Média renda líquida por agricultor	5.414,00	6.857,00	12.271,00
Valor financiado (R\$)	189.000,00	-	189.000,00

Fonte: Trabalho de campo, (2015). Organização: O AUTOR (2015).

Tanto no cultivo da soja e do milho como na produção do leite há centralidade do trabalho familiar - característica camponesa, que pode ser percebida pelos poucos trabalhadores contratados entre nossos entrevistados, aspecto reforçado pela utilização da prática de troca de dias de trabalho (Tabela 7). A atividade na qual mais se utiliza a contratação de temporários e a troca de dias é a produção de silagem. No grupo 2, 47,6% dos contratados temporários são para a produção de silagem. Os demais são para a produção do fumo, para trabalhar no plantio de grãos, preparar áreas de pastagens etc. Nos dois grupos está presente a prática de troca de dias de trabalho para tentar superar a fragilidade em relação ao acesso as máquinas, aos financiamentos e à contratação regular de trabalhadores.

A troca de dias de trabalho é uma necessidade, os agricultores que possuem trilhadeira para debulhar o milho realizam esse trabalho para os agricultores que não possuem a mesma, em troca de dias de trabalho braçal. Assim também acontece com outras máquinas, e também para colher alguma produção que possa estragar se não for colhida na época certa, ou para construir ou reformar alguma estrutura como galpões, estábulos. É importante notar que há relações de confiança entre os que praticam esta relação de ajuda e não levam em consideração aspectos como a contabilização das horas de trabalho ou a penosidade do mesmo, mas sim a necessidade do vizinho<sup>2</sup>. O agricultor

<sup>2</sup> Vizinho é o termo utilizado pelos agricultores para se referirem a moradores mais próximos espacial e solidariamente.

que está trabalhando não cumpre uma jornada de trabalho exata, ele trabalha até o término da atividade ou até que seu vizinho precise.

**Tabela 7 – Contratação de força de trabalho, principais atividades e número de contratados por grupo**

<b>Trabalho</b>	<b>Atividade</b>	<b>2° Grupo</b>	<b>3° grupo</b>
Temporário	Silagem	11	02
	Outra	12	03
Permanente	Aviários	00	00
	Outra	01	00
Troca de dias	Silagem	14	06
	Outra	03	17

Fonte: Trabalho de campo, (2015). Organização: O AUTOR (2015).

Diante dessa diversidade de relações e das dificuldades encontradas na produção mercantil, a produção para alimentação familiar é fundamental. São produtos básicos que contribuem para a economia da família. A produção desses alimentos não deixa os agricultores totalmente dependentes da aquisição de alimentos em (super)mercados.

Entre os agricultores estudados, percebe-se que a produção para alimentação familiar é planejada conforme as variações dos valores das produções direcionadas para a comercialização. Quando a safra proporciona renda maior, eles consomem mais alimentos industrializados comprados na cidade. Quando ocorre uma queda nos preços dos produtos, ou alguma intempérie, recorrem aos alimentos que produzem, visando à diminuição nos gastos e também devido à sazonalidade de alguns itens. Os agricultores estão perdendo o hábito de armazenar produtos para a alimentação. Sempre há alguns produtos, independente das variações do mercado, mas geralmente são os que demandam menos trabalho e são mais resistentes as intempéries, como a mandioca e a batata-doce.

O principal motivo que levou à diminuição da produção para o consumo no estabelecimento rural é a praticidade do acesso aos produtos industrializados. Outro motivo é a “correria do dia-a-dia”. É preciso dedicar-se mais à produção para a comercialização porque é necessário pagar os custos e as novas necessidades de consumo; também há perda parcial do controle das sementes biológicas e o desequilíbrio biológico, que faz com que ocorra ataque de pragas que dificultam a produção dos alimentos para o consumo familiar. Geralmente, os terrenos utilizados para essas produções são os com declividade maior, os “cantos” onde é difícil o acesso das máquinas. As produções que exigem mais trabalho com animais ou equipamentos são realizados por homens e mulheres, como a produção de feijão e mandioca, mas quando é um trabalho que não exige trabalho pesado,

como a produção de verduras e legumes é um trabalho exclusivo feminino. As áreas mais mecanizadas são utilizadas para a produção para a comercialização.

Entre os agricultores, os principais alimentos produzidos para o consumo estão listados na Tabela 8. Os principais itens são os que exigem menos tempo de trabalho, como verduras, mandioca e batata-doce. Em relação ao abate dos animais, percebe-se uma predominância no consumo de carne de frango por exigir menos tempo de trabalho e de engorda.

**Tabela 8 – Principais alimentos produzidos para o consumo familiar, por grupo entrevistado e número de famílias**

<b>Produtos</b>	<b>Grupo 2</b>	<b>%</b>	<b>Grupo 3</b>	<b>%</b>
Abóbora	12	21,4	17	23,9
Amendoim	11	19,6	11	15,4
Arroz	01	1,7	02	2,8
Banha de suíno	11	19,6	18	25,3
Batata inglesa	16	28,5	05	7
Batata-doce	27	48,2	47	66,1
Carne bovina	19	33,9	22	30,9
Carne de frango	39	69,6	52	73,2
Carne suína	35	62,5	41	57,7
Feijão	13	23,2	34	47,8
Frutas	22	39,2	19	26,7
Legumes	40	71,4	40	56,3
Leite	23	41	40	56,3
Mandioca	44	78,5	61	85,9
Milho	20	35,7	09	12,6
Ovos	12	21,4	14	19,7
Peixe	01	1,7	00	00
Pipoca	07	12,5	08	11,2
Queijo	04	7,1	04	5,6
Verduras	45	80,3	59	83,3

Fonte: Trabalho de campo, 2015. Organização: O AUTOR (2015).

Com percebe-se tempo dos agricultores vem sendo alterado através da mecanização e comercialização da produção, conjugando produções realizadas com técnicas tradicionais, destinadas ao consumo da família, com outras voltadas para a comercialização, onde se utilizam agrotóxicos e fertilizantes químicos, contrata-se algumas máquinas para realizar algumas etapas da produção. Cada produção possui suas peculiaridades e temporalidades vinculadas ao relevo, ao período do ano, às técnicas, às

tecnologias e à comercialização; condições influenciadas pela quantidade de área de terra, força de trabalho e condições financeiras. Conforme os agricultores sofrem influência dos tempos mais rápidos, geralmente ligados à intencionalidade das atividades urbano-industriais, mais se desenvolve a necessidade de medir o tempo através de dispositivos criados pelo homem. Padrões de medidas mais exatos e confiáveis passam a ser criados pelo homem porque se entende que eles são mais precisos do que os naturais (ELIAS, 1998).

Entende-se que os padrões artificiais contribuem para melhorar o uso e o controle do tempo, para a sua racionalização, principalmente a serviço do sistema de produção e ao acúmulo de capital. Nos ambientes mais industrializados, isso ocorre com maior frequência. No espaço rural, esse processo demonstra maior heterogeneidade. Nos espaços com maior mecanização e integração ao mercado, o controle desse tempo é maior, porque há mais intensamente, uma relação tecnicamente fundada na vinculação e subordinação ao capital/agronegócio porém, como está sendo demonstrado, o controle não é total, os tempos lentos permanecem através da temporalidade e da territorialidade camponesa e são fundamentais na sua reprodução biológica e social.

Os camponeses, historicamente, sempre exerceram várias atividades, a produção para o consumo familiar, o conserto e o aperfeiçoamento de seus equipamentos, a criação de diferentes espécies de animais, a comercialização de diferentes produtos e também o trabalho fora do estabelecimento em atividades agrícolas ou não agrícolas, para complementar a renda, no entanto, com o processo de *modernização* da agricultura e o ajustamento do seu tempo, iniciou-se uma especialização (ANJOS, 2001).

Nos dois grupos estudados, em 45,6% dos estabelecimentos é praticado o trabalho *pluriativo* (Tabela 9): no grupo 2, em 44,6% dos estabelecimentos existem agricultores *pluriativos* e, no grupo 3, 46%. Um elemento que mostra a reorganização do trabalho camponês é que entre os entrevistados a maioria, 83%, sai para trabalhar em atividades não agrícolas. A quantidade de aposentados também é significativa no grupo 1 chega a 69,6% e 56 % no grupo 2 e 3, respectivamente. Os aposentados representam uma complementação na renda da família, contribuindo para a continuidade da família no estabelecimento rural.

Simultaneamente, ainda quando certa família não possui quantidade de terra suficiente ou quando sobra força de trabalho para um sistema de produção – a fim de que as pessoas não fiquem ociosas e incremente-se a renda e equilibre-se a relação trabalho-consumo (CHAYANOV 1974) buscam-se outras atividades, agrícolas ou não agrícolas fora do estabelecimento rural. Assim, alguns realizavam *trabalhos acessórios* ou *trabalhos em tempo parcial*, conforme se constatou em Marmeleiro. As razões pelas quais continuam a residir no espaço rural devem-se ao menor custo de vida, pois não há gastos com aluguel, água e com alguns alimentos que são produzidos no estabelecimento. Porém, mesmo

assim, nota-se que a ocupação nas atividades agropecuárias e a renda proporcionada por elas ainda é mais significativa na família como um todo, porém, o membro que exerce o trabalho *pluriativo* exerce uma atividade regular, não é uma atividade acessória num período de entressafra. Até o momento que essa renda compensar, na comparação com as possibilidades a disposição no estabelecimento agropecuário, ele a exerce.

**Tabela 9 – Número de *pluriativos*, aposentados e pessoas que migraram para o espaço urbano nos últimos 12 meses, por grupo pesquisado**

	<b>Grupo 2</b>	<b>Grupo 3</b>	<b>Total</b>
Total de <i>pluriativos</i>	25	33	58
Atividades agrícolas	03	07	10
Aposentados	40	39	79
Número de pessoas que migraram para o urbano nos últimos 12 meses	3	4	07

Fonte: Pesquisa de campo, (2014-2015). Organização: O AUTOR (2015).

Entre as profissões, no grupo 2, destacam-se os trabalhadores *pluriativos* em madeireiras, 6 pessoas, e também diaristas domésticas, auxiliar de pedreiro e diaristas em atividades agrícolas, estas profissões apresentaram mais do que dois trabalhadores.

No grupo 3, evidenciam-se, 5 trabalhadores de um restaurante, 1 no STR, 1 na COOPAFI, 1 pedagoga, e o restante são profissões diversas: segurança, auxiliar de pedreiro e mecânica de automóveis, auxiliar de pedreiro, empregadas domésticas e funcionários em empresas que prestam serviços de segurança. No grupo 2, na comunidade da Linha Itaíba, 3 funcionárias do restaurante trabalham também na produção de leite nos estabelecimentos rurais, pois a ordenha é realizada antes e depois do horário comercial, e antes de trabalhar no restaurante trabalhavam na produção do fumo. Segundo elas, a opção pelo restaurante é pela penosidade do trabalho com o fumo:

[...] o fumo numa safra boa, dá até mais do que nós tiramos aqui, porque eu comecei faz dois meses, ganho pouca coisa mais que um salário [...] só que o fumo é muito sofrido, ter que trabalhar no sol, a gente tá sempre 'suja' e cansada na colheita [...] e pra mulher é pior, eu envelheci uns 5 anos a mais depois que começamos no fumo [...] aqui a gente tem que seguir ordens e tal, mas é um pouco mais confortável, na sombra a gente pode se cuidar mais, também faz mais amizades (AGRICULTOR DO GRUPO 2, ENTREVISTA, 2014).

No grupo 3, as pessoas trabalham fora mais pela necessidade da renda ou porque a principal atividade é o leite, atividade que não exige dedicação em tempo integral; a produção de grãos é realizada através da contratação de trabalho mecanizado ou pelo arrendamento. A renda da pluriatividade é importante, pois algumas famílias possuem renda menor do que um salário mínimo. Então, os trabalhadores das madeireiras, as diaristas,

recebem salários mensais que variam de R\$ 750,00 a R\$ 1.000,00; o que faz com que a renda desse grupo seja um pouco maior é que trabalham na construção civil e recebem salários entre R\$ 1.300,00 a 1.800,00. Na Tabela 10 apresenta-se as médias de renda das famílias.

Em Marmeleiro, entre os entrevistados, todas as pessoas que exercem atividade fora do estabelecimento rural passam a trabalhar pouco nas atividades agropecuárias, exercem mais o trabalho de organização e gerência (pagamentos de contas, compra de insumos, documentação para os financiamentos). A renda do trabalho realizado fora do estabelecimento não é toda dividida no núcleo da família, o trabalhador *pluriativo* passa a contribuir nas contas básicas da casa, tais como pagamento da luz e da alimentação. E 17% dos *pluriativos* entrevistados não contribui, todavia continua morando em casa justamente por não precisar pagar estas contas. Então, o trabalho fora do estabelecimento rural gera várias situações na organização familiar. O trabalho *pluriativo* pode trazer um ônus para a família se o trabalhador continuar morando no estabelecimento e não contribuir com o pagamento das despesas. Numa das famílias estudadas, o filho trabalha na cidade, mas não contribui no pagamento das despesas da família, pois está pagando prestações de um financiamento da compra de automóvel que utiliza para se deslocar até a cidade e a um cursinho.

**Tabela 10 – Média da renda agrícola e da aposentadoria do número pessoas, do número de aposentados nos estabelecimentos pluriativos e da renda obtida com a pluriatividade por grupo estudado**

Grupos	Renda (média) agrícola e aposentadoria (R\$)	Média de pessoas por estabelecimento	Aposentados em estabelecimentos <i>pluriativos</i>	Média da renda dos <i>pluriativos</i> (R\$)
Grupo 2	4.945,00	3,7	06	1.450,00
Grupo 3	1.621,00	4,1	14	1.200,00

Fonte: Pesquisa de campo, (2015). Org. O AUTOR (2015).

No caso dos *pluriativos* que contribuem no pagamento das despesas familiares, eles ainda são uma força de trabalho auxiliar em momentos em que o ritmo da produção é mais rápido e intenso, pois podem trabalhar nos finais de semana e feriados, e no período do horário de verão após o horário comercial, principalmente na produção do fumo e do leite, conforme identificado nos trabalhos de campo.

No grupo 3, 85% dos agricultores querem permanecer, não pretendem ir para a cidade mais tarde. O alto percentual destinado a ficar no espaço rural, manifestado pelo grupo dos agricultores menos mecanizados, pode estar ligado ao fato de que são acampados e assentados e passaram por um processo desgastante para conseguir a posse da terra, então o valor da conquista está muito presente. As condições de vida da maioria



destas pessoas eram precárias, relatam que já moraram embaixo da ponte, em favelas, então, a possibilidade da posse da terra trouxe certa segurança, de possuir no mínimo um lugar para habitar e poder produzir o básico para o consumo familiar, a propriedade da terra é uma possibilidade de garantir a sobrevivência e reprodução da família agricultora. Conforme esses assentados e acampados vão se estruturando, gradativamente, integrando-se ao mercado e mecanizando suas produções e, conseqüentemente, modificando o ritmo de tempo, os seus objetivos podem ser modificados.

### **Considerações finais**

Os dados apresentados demonstram a permanência e importância da agricultura camponesa ou familiar existentes em Marmeleiro (PR), representados através das temporalidades oriundas da sua condição frágil diante da expansão do capital no espaço rural, onde esse agricultor é inserido apenas parcialmente na chamada agricultura moderna, através de uma relação assimétrica com os agentes do agronegócio, concretizando uma produção menos mecanizada e menos voltada para o mercado. Devido ao gradual aumento no ritmo de tempo dos agricultores provocados pela inserção ao mercado, os elementos camponeses vem sendo reorganizados, ganhando outras funções, com variações na sua intensidade, devido a fragilidade econômica da maioria das famílias estudadas.

Em alguns períodos, as temporalidades camponesas são mais importantes, essa oscilação acontece principalmente no grupo 2, devido às incertezas que envolvem as produções agropecuárias, “flutuam” entre uma safra “ruim” e uma safra “boa”, em alguns momentos a prioridade é o consumo familiar e, em outros, vislumbra-se a possibilidade de aumentar o poder de consumo; quando a safra é ruim recorrem aos elementos camponeses principalmente no que se refere à produção para o consumo familiar e à ajuda mútua entre vizinhos.

Os agricultores do grupo 3 estão em um ritmo mais lento, o seu vínculo com a temporalidade camponesa é ainda maior, porque possuem os equipamentos considerados “mais atrasados”, pouco acesso aos financiamentos, produzem uma ou duas variedades para o mercado, lançando mão da produção para o consumo familiar e da pluriatividade para equilibrar a economia familiar, além da aposentadoria, que é significativa. Possuem menos contato com o espaço urbano, menor poder de consumo. Porém, mesmo para estes, o ritmo de tempo vem aumentando.

Os agricultores possuem certa flexibilidade, nos espaços com tempos mais lentos reagem às mudanças, pois, mesmo diante da aparente tranquilidade do espaço rural, de um

tempo mais lento dos menos mecanizados, existe um agricultor que nunca está em repouso, está sempre buscando meios para a sobrevivência, para manter-se como agricultor.

Um aspecto a ressaltar é que o ritmo mais lento é acompanhado da fragilidade econômica e, conseqüentemente, da dificuldade de acesso ao consumo de bens e serviços. Os agricultores com média mecanização têm acesso a esses bens e serviços, mas ainda com dificuldades, recorrendo ao sistema público quando é possível, especialmente ao de saúde. Já os do grupo 3 têm mais dificuldades de acesso aos serviços urbanos, até o ao serviço público é mais difícil, devido à falta de informação, à distância dos assentamentos e acampamentos, precariedade do transporte - a maioria opta pelo transporte escolar, pois há poucos veículos próprios - que é realizado somente em um período do dia. O horário do transporte escolar dificulta para o agricultor conseguir uma senha no sistema de atendimento do posto de saúde.

O saber-fazer, o conhecimento do agricultor é comumente entendido como contraditório aos avanços dos meios de produção, porém, ele está presente nas práticas efetivadas e, visto que é um processo contínuo, não há rupturas completas. Mesmo com o desenvolvimento tecnológico, uma parte dos métodos de trabalho mantém-se, até porque é necessário para a produção agropecuária destinada às agroindústrias integradoras, coexistindo práticas consideradas atrasadas e outras ditas modernas. Então a produção para o consumo, o trabalho de ajuda mútua (troca de dias), o trabalho acessório (pluriatividade), a família na gestão do estabelecimento, a propriedade da terra, a aceitação de certo grau de penosidade do trabalho, são elementos que se mantêm, dependendo das condições dos agricultores, com diferentes graus de intensidades ou de modo reorganizado considerando a introdução de inovações técnicas e tecnológicas.

Nesse contexto, acredita-se que o agricultor não precisa negar os tempos rápidos, porém, também precisa ter a possibilidade de acesso a tempos rápidos da cultura, da informação, do lazer, ao consumo de produtos saudáveis e não ser inserido somente no tempo rápido das agroindústrias integradoras, para a exploração da sua força de trabalho e da matéria-prima, numa relação de dependência perpetuada historicamente. É preciso construir espaços para construir alternativas que valorizem outras potencialidades do espaço rural, como as características camponesas.

Então, as políticas públicas, ou mesmo ações de ONGs, sindicatos e associações dos próprios agricultores, podem servir de mediações para a geração de projetos e processos locais de desenvolvimento, que visem a preservação ambiental, a recuperação dos ambientes degradados, a conquista de mais autonomia decisória, a valorização do patrimônio histórico-cultural e do saber-fazer camponês, produzindo alimentos mais saudáveis, *in natura* e transformados, que podem ser comercializados em redes curtas de cooperação e solidariedade.

## Referências

ANJOS, F.S. Pluriatividade e ruralidade: enigmas e falsos dilemas, **Estudos Sociedade e Agricultura**, n. 17, 2001, p. 54-80. Disponível em: C:\Users\Luiz Carlos\AppData\Local\Temp\Flavio-Sacco-dos-Anjos-Pluriatividade-e-ruralidade-enigmas-e-falsos-dilemas.mht. Acesso em: junho/2015.

CHAYANOV, A. **La organización de la unidad económica campesina**. Buenos Aires: Nueva Visión, 1974. ELIAS, N. **Sobre o tempo**; editado por Michael Schroter; tradução, Vera Ribeiro; revisão técnica, Andrea Daher. RJ. Janeiro: Jorge Zahar 1998.

GARCIA, Jr. A. **Terra de trabalho: trabalho familiar de pequenos produtores**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

KAGEYAMA, A. A; SILVA, J. G. **Dinâmica da agricultura brasileira: do complexo rural aos complexos agroindustriais**. Campinas, SP. UNICAMP, 1988.

LATOURET, B. **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro. Ed. 34, 1994.

MARAFON, Gláucio J. **Agricultura familiar, pluriatividade e turismo rural: reflexões a partir do território fluminense**. Campo-território: revista de geografia agrária, Uberlândia, v. 1, n. 1, fev. 2006, p.17-60. Disponível em <http://www.campoterritorio.ig.ufu.br/viewissue.php?id=1>

MULLER, G. **Complexo agroindustrial e modernização agrária**. Editora Hucitec. São Paulo, 1989. 149p.

NETO, W. G. **Estado e agricultura no Brasil: política agrícola e modernização econômica brasileira. 1960-1980**. São Paulo, Hucitec, 1997.

OLIVEIRA, Ariovaldo. **Agricultura camponesa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1991.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993 [1980].

SABOURIN, E. **Camponeses do Brasil: entre a troca mercantil e a reciprocidade**. Tradução: Leonardo Milani. – Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

SANTOS, J.V.T. **Colonos do vinho**. São Paulo: Hucitec, 1978.

SANTOS, Milton. **Técnica, Espaço e Tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional**. Hucitec, São Paulo, 1997.

SAQUET, Marcos. Por uma abordagem territorial das relações urbano-rurais no Sudoeste paranaense. In: SPOSITO, M. E. e WHITACKER, A. (Org.). **Cidade e campo: relações e contradições entre urbano e rural**. São Paulo: Expressão Popular, 2006. p. 157-186.

SAQUET, Marcos. **Abordagens e concepções de território**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

WANDERLEY, M. N. B. **Raízes Históricas do Campesinato Brasileiro**. In: TEDESCO, João Carlos (Org.). **Agricultura Familiar: realidades e Perspectivas**. Passo Fundo: EDIUPF, 1999.

Recebido para publicação em 24 de maio de 2016.

Devolvido para a revisão em 09 de março de 2017.

Aceito para a publicação em 05 de maio de 2017.